

Decifrar textos.

O termo "cifra" é de origem arabe, ("sifr"), e significa "vazio". Outro termo que deriva da mesma raiz é "zero". A origem arabe de tais termos se explica historicamente. Foram os arabes que introduziram o simbolo "0", (de origem hindu), na cultura do Ocidente. Pois, se "cifra" e "zero" são etimologicamente sinonimos, por que adquiriram significados diferentes? Por que "zero" significa atualmente "simbolo de todas as classes vazias", e "cifra" significa "simbolo quantificante de classes"? Por que "zerô" passou a significar apenas um caso específico de "cifra", a saber o da "cifra vazia"? Tal pergunta me parece importante quando se trata de refletir sobre o problema do deciframento. Isto porque, obviamente, na lingua portuguesa "cifra" não significa apenas "simbolo quantificante de classes", (isto é: "simbolo de numero"), mas também "chave de código, explicação de segredo".

A resposta a tal pergunta me parece ser esta: O termo arabe "sifr" significa "vazio", no sentido de um vasilhame vazio. Pois cifras enquanto simbolos de numeros são tais vasilhames vazios. Por exemplo: a cifra "2" é simbolo da classe de pares, vasilhame vazio a ser preenchido por pares do tipo "duas macas" ou "duas pedras". E a cifra "zero" é um caso especial de cifra, porque é vasilhame que continua vazio quando preenchido. Por certo: o que acaba de ser dito não se aplica apenas a cifras, mas a todos os nomes de classes. Ao discurso teorico todo, o qual é discurso vazio a ser preenchido por significados "observacionais", concretos. Em tal sentido toda teoria é conjunto de vasilhames vazios, conjunto "cifrado". Mas o caso das cifras enquanto simbolos de numeros é o mais evidente. Quem manipula cifras brinca com vasilhames vazios, com "formas puras", ou, como talvez diria Jung, com arquetipos a serem preenchidos. O que sugere que "decifrar" significa manipular texto como se este consistisse de cifras, (e não de letras), para procurar enche-las.

Textos são series de simbolos codificados. Na maioria dos casos são alfabeticamente codificados. Decifra-los é considerar as letras do alfabeto como cifras, é manipular os textos como se fossem cifrados. Brincar quantitativamente com o alfabeto. O termo "código" deriva da palavra latina "caudex", que pode ser traduzida por "tronco". A ideia é que textos são inscritos em troncos de arvores, isto é "codificados". (Isto é confirmado pelo termo alemão "Buch", (livro), que deriva da palavra "Buche", (faia)). A palavra hebraica que significa "texto" ou "livro" é "sefer" mas não consegui verificar se "sefer" e "sifr" tem a mesma origem. Em todo caso: não pode haver duvida que "cifra" e "texto" são conceitos que se co-implicam etimologicamente. Por se co-implicarem funcionalmente. Textos são decifráveis, (ou indecifráveis). Ler textos como se fossem compostos de cifras, (como se fossem secretos), é uma das leituras adequadas a todos os textos.

.....

Com efeito: decifrar textos é a leitura de base. Considerem o caso de um marciano recém-aterizado. Deparara com fenomenos curiosos: caoticos, mas não obstante ordenados. O marciano suspeitará que tais fenomenos foram deliberadamente desordenados segundo determinadas regras. Procurará descobrir tais regras, e, se estiver munido de computador, calculará a frequencia de todo elemento no conjunto observado. (É o que foi feito no caso dos rabiscos que acompanham as imagens em

Lascaux, já que somos, em relação ao Homem de Lascaux, marcianos recém-aterri-
 zados). Tendo assim quantificado o fenómeno segundo o cálculo de probabilidade,
 (tendo por exemplo verificado que em determinado conjunto o elemento "e" é mais
 provável que o elemento "x"), o marciano proporá várias hipóteses, uma após out-
 ra, que expliquem tais irregularidades deliberadas. Uma entre tais hipóteses vai
 colar quase perfeitamente ao fenómeno observado: os elementos são símbolos de sons
 de determinada língua falada. O marciano terá decifrado um texto. Terá penetrado
 o segredo da codificação das letras do alfabeto. Naturalmente: poderá estar en-
 ganado. Como se enganaram os que tomaram os rabiscos na Pedra da Gavea por tex-
 tos fenícios, ao confundirem a acção espontânea da chuva com acção humanamente de-
 liberada.

Para um texto ser texto, é preciso que tenha sido deliberado. O decifra-
 dor se aproxima do fenómeno observado com a hipótese que está observando fenome-
 no deliberado, (um "feito", e não um "dado"). Os decifradores dos rabiscos em
 Lascaux partiram da hipótese que tais rabiscos foram o produto de deliberação, e
 não do acaso. A ciência moderna partiu da mesma hipótese ao observar os fenome-
 nos da natureza. Tomou a natureza por um "feito", (a "Criação"), a ser decifra-
 do. Tomou a natureza por livro, ("natura libellum"). Não apenas por razões ide-
 ologicas, (judeo-cristas), mas também porque a natureza se apresenta enquanto con-
 junto caótico, e não obstante ordenado. A ciência moderna lançou pois hipótese
 após hipótese para explicar tais irregularidades deliberadas. Manipulou a natu-
 reza como se fosse composta de cifras. Isto explica, a meu ver, a "matematiza-
 ção" da ciência moderna. Atualmente estamos constatando que toda ordem descober-
 ta no caos da natureza foi projetada para lá pelos decifradores. Que a natureza
 não é produto de deliberação, mas do acaso. Que é "dado", não "feito". Que não
 é texto. Que nada há a decifrar nela. Que não há segredo por detrás dela. Que
 o segredo indecifrável é a própria natureza. Eis um exemplo colossal de como
 pode falhar o esforço do deciframento.

.....

Não somos marcianos. (Nem pseudo-marcianos, como o fingiam de ser os fun-
 dadores da ciência moderna, que se tomaram por recém-aterri- zados). Na maioria
 dos casos sabemos distinguir entre textos e não-textos. Isto porque aprendemos
 códigos, e andamos com chaveiro contendo numerosas chaves para numerosos segre-
 dos no bolso. Quando confrontados com determinado fenómeno, pegamos no chaveiro,
 e experimentamos chave após chave para ver, se uma delas cabe na fechadura. Se
 a chave couber, o segredo se abre: estamos diante de vasilhames vazios a serem
 por nós preenchidos. Se a chave couber mal, sabemos fabricar outra semelhante.
 Se nenhuma das nossas chaves couber, mas se encontrarmos fechadura, podemos ten-
 tar quebra-la. Em tais três casos estamos confrontando texto. Se não encontrar-
 mos fechadura, é que não há segredo: não se trata de texto. Não estamos diante
 de vasilhames vazios, mas diante de um fenómeno concreto, cheio, demasiadamente
 cheio. De fenómeno que serve apenas enquanto enchimento de cifras. Na maioria
 dos casos sabemos distinguir entre formas a serem enchidas, (decifradas), e cor-
 teudos a serem captados por formas, (informados).